

## Proposta de marcação dupla em dicionários escolares<sup>1</sup>

### Proposal of double labelling in school dictionaries

Fábio Henrique de Carvalho Bertonha\*

**RESUMO:** Ao estudarmos o léxico de um sistema linguístico, podemos ter uma compreensão sobre a realidade sócio-histórico-político-cultural de um povo, a qual é evidenciada pelo emprego das marcas de uso (HAUSMANN, 1977 *apud* WELKER, 2004) nos dicionários. À vista disso, a presente pesquisa se concentra em uma perspectiva analítico-reflexiva sobre obras escolares inseridas no Programa Nacional do Livro Didático (PNLD), mais precisamente na ramificação intitulada “PNLD 2012: Dicionários”, subdividida em quatro grupos de dicionários voltados ao Ensino Fundamental e Médio. Baseando-nos em Fajardo (1997), Strehler (1998), Garriga Escribano (2003), Welker (2004) e Gutiérrez Cuadrado (2011), analisamos as marcas de uso existentes nesse *corpus*. Constatamos uma não padronização da etiquetagem, o que, a nosso ver, pode gerar controvérsias durante a busca de um sentido dicionarizado por um consultante. Pretendendo contribuir para essa questão lexicográfica, propusemos um sistema de marcação dupla. Como resultado, inserimos nossa proposta em dez verbetes, tencionando sugerir algumas melhorias para futuras inclusões de marcas de uso nos dicionários escolares. (Apoio: CAPES – DS/CNPq – PD 2).

**ABSTRACT:** By studying the lexicon of a linguistic system, we can have an understanding of the socio-historical-political-cultural reality of a people, which is evidenced by the use of labels (HAUSMANN, 1977 *apud* WELKER, 2004) in dictionaries. In view of this, this research focuses on an analytical-reflexive perspective on school dictionaries inserted in *Programa Nacional do Livro Didático* (PNLD), more precisely in the branch entitled PNLD 2012: Dicionários, subdivided into four groups of dictionaries aimed at Elementary and High School. Based on Fajardo (1997), Strehler (1998), Garriga Escribano (2003), Welker (2004) and Gutiérrez Cuadrado (2011), we analysed labels in this *corpus*. We found a non-standardization of the labelling, which, in our view, may generate controversies during the search for a dictionary meaning by a user. Intending to contribute to this lexicographic issue, we proposed a double labelling system. As a result, we inserted our proposal in ten entries, intending to suggest some improvements for future inclusions of labels in school dictionaries. (Support: CAPES – DS / CNPq – PD 2).

<sup>1</sup> Este artigo é fruto da tese defendida pelo autor em 2022.

\*Doutor em Estudos Linguísticos pela UNESP. IFSP, campus Barretos. [fabio.bertonha@unesp.br](mailto:fabio.bertonha@unesp.br)

---

**PALAVRAS-CHAVE:** Metalexicografia.  
Marcas de uso. Dicionários escolares.  
Marcação dupla.

**KEYWORDS:** Metalexicography. Labels.  
School dictionaries. Double labelling.

---

## 1 Etiquetagem na prática: desnecessária, insatisfatória ou interminável?

O recurso de etiquetagem é uma prática há muito difundida na Lexicografia, assim como os desafios para empregá-la visto que a informação sobre as restrições de uso das unidades lexicais vem sendo descrita nos verbetes de maneira pouco padronizada. Na literatura lexicográfica, há vários termos que se referem a esse mecanismo linguístico, a depender da escolha terminológica feita pelo lexicógrafo, por isso encontramos “etiquetas restritivas” (MONSON, 1973), “marcação diassistemática” (HAUSMANN, *apud* WELKER, 1977), “informação de uso” (LANDAU, 2001), “glosas estilísticas” (YONG; PENG, 2007), “etiquetas linguísticas” (ATKINS; RUNDELL, 2008), “informação diassistemática” (SVENSÉN (2009); já os lexicógrafos brasileiros tratam-no como “rubricas”, “rótulos”, “etiquetas lexicográficas” e, mais comumente, “marcas de uso” (PIRES DE OLIVEIRA, 1998; BIDERMAN, 2002; BORBA, 2003; CANO, 2010; VILARINHO, 2017; BERTONHA; ZAVAGLIA, 2022).

Em linha com os estudiosos brasileiros, no presente artigo, adotamos “marcas de uso”, pois, de acordo com Bertonha (2022, p. 127), ao serem inseridas na microestrutura das obras, “indicam ao consulente a restrição ou ressalva de um uso específico de determinada unidade lexicográfica ou sua acepção referente a uma área de especialidade, uma área geográfica, nível da linguagem ao qual o item lexical pertence, entre outras características”.

Graças às marcas de uso, o emprego de um determinado item lexical, ou de um de seus sentidos, suas grafias variantes, pronúncias ou formas inflexíveis, pode ser verificado, por meio de atlas linguístico, a uma região geográfica específica, ou mesmo ser confinado a um domínio particular (unidade especializada em uma área do conhecimento humano), ou também a um certo nível de estilo ou registro

social. Todas essas restrições são normalmente sinalizadas por meio de marcas de uso colocadas nas microestruturas que conceituam as entradas nos dicionários. No entanto, o que se observa é que a diversidade das informações fornecidas nos verbetes que merecem algum tipo de ressalva coincide com a falta de tratamento adequado do assunto tanto na lexicografia teórica como na prática.

Atkins e Rundell (2008, p. 496) confirmam que "a rotulagem é uma área da lexicografia em que há mais trabalho a ser feito"<sup>2</sup>, logo, neste estudo, a partir do exame da literatura sobre as marcas de uso, realizado na próxima seção deste artigo, refletimos sobre a utilização do dicionário como um potente instrumento educacional para ampliação vocabular visto ser um caminho para o esclarecimento de divergências extralinguísticas. Esses possíveis conflitos podem ocorrer se um indivíduo fizer um uso inesperado das unidades lexicais, de propósito ou por ignorância, o que, em ambos os casos, pela inserção das marcas de uso, poderia auxiliar na compreensão do consulente.

O dicionário, como ambiente bastante particular, revela uma relação intrínseca entre língua, indivíduo e história em que o lexicógrafo pretende explicitar durante o processo de elaboração de sua obra, assim as marcas de uso contribuem para essa tarefa uma vez que demarcam limites sobre o emprego de determinado item lexical ou de um sentido específico. Em razão dessa demarcação, acreditamos que seja uma pesquisa necessária, podendo contribuir para a feitura de dicionários escolares e, por conseguinte, para o aprimoramento do registro sócio-histórico-cultural do léxico de uma comunidade linguística. À vista disso, realizamos uma análise que pode auxiliar nos estudos sobre a etiquetagem empregada em dicionários escolares, principalmente acerca de trabalhos contrastivos entre dicionários monolíngues.

A respeito da presença não sistematizada das etiquetas lexicográficas, Borba (2003, p. 315) constata que "os dicionários costumam incluir este tipo de informação

---

<sup>2</sup> Tradução nossa para: "labelling is an area of lexicography where there is more work to be done".

por um conjunto de rótulos, tarefa complicada e feita de forma irregular em nossos dicionários”, o que pode gerar dúvidas (extra)linguísticas no consulente por desconhecê-las ou não compreender seu emprego. Por isso Welker (2004, p. 134) não somente destaca a importância das etiquetas, mas também sua disposição na elaboração do verbete para posterior consulta, defendendo que,

[...] apesar de todas as dificuldades, seria desejável que houvesse mais marcas de uso do que se verificam na maioria dos dicionários. Elas são imprescindíveis quando se precisa de ajuda na produção de textos, mas também são importantes na recepção, pois sem elas não se alcança uma compreensão exata do texto. (WELKER, 2004, p. 134)

Sob essa perspectiva, investigamos o registro das marcas de uso em dicionários monolíngues escolares brasileiros a fim de examinar de que modo se apresentam na descrição das unidades léxicas que as recebem. Para além de apontarmos para um recurso linguístico que poderia passar por uma revisão, também propomos uma sistematização das etiquetas lexicográficas que possa contemplar as necessidades educacionais do público-alvo escolar. Nesse sentido, a variação das marcas usadas para apontar diferentes tipos de ressalvas contextuais pode, nem sempre, auxiliar na compreensão da descrição lexicográfica, quer dizer, poderia haver um efeito contrário, dificultando que o consulente compreenda os sentidos de determinada palavra-entrada.

Portanto, a nosso ver, a etiquetagem se apresenta como um recurso plenamente necessário, cuja discussão possa ter um caráter interminável a depender da intransigência que possa ocorrer entre estudiosos, brasileiros ou estrangeiros, conforme suas perspectivas teóricas, porém, de qualquer modo, fica evidente que há algum tipo de insatisfação referente aos limites estabelecidos para o emprego das marcas de uso, o que leva à ampla gama utilizada sem que haja uma padronização na área. Em virtude da importância da presença das marcas de uso, sobretudo para o público escolar, propomos uma sistematização desse recurso lexicográfico com base

em uma nova concepção: a marcação dupla. Essa proposta almeja distinguir a restrição do item lexicográfico seguindo de um sentido geral (contexto mais abrangente) para um sentido particular (âmbito singular).

Por fim, destacamos nosso interesse pelos dicionários escolares (Tipo 2, 3 e 4)<sup>3</sup> a fim de contribuir para o processo de ensino-aprendizagem, que pode ser potencializado pela inserção, cada vez maior, dos dicionários na vida cotidiana dos estudantes (nesta pesquisa, dos Ensinos Fundamental e Médio), pois acreditamos que as soluções lexicográficas precisam, imperiosamente, contemplar as necessidades do provável público-alvo da obra lexicográfica. Assim, obviamente, as soluções específicas a serem aplicadas em dicionários monolíngues para falantes nativos não serão as mesmas para os dicionários bilíngues para estudantes, uma vez que a relação entre um tipo de informação descrita no verbete irá interessar particularmente a um determinado tipo de consulente que possa precisar dela para um contexto específico.

## 2 Arcabouço teórico

Esta seção se destina a compreendermos qual é o produto lexicográfico que interessa-nos nesta pesquisa, bem como os parâmetros que o definem e, na sequência, as características que abrangem nosso objeto de estudos: as marcas de uso.

---

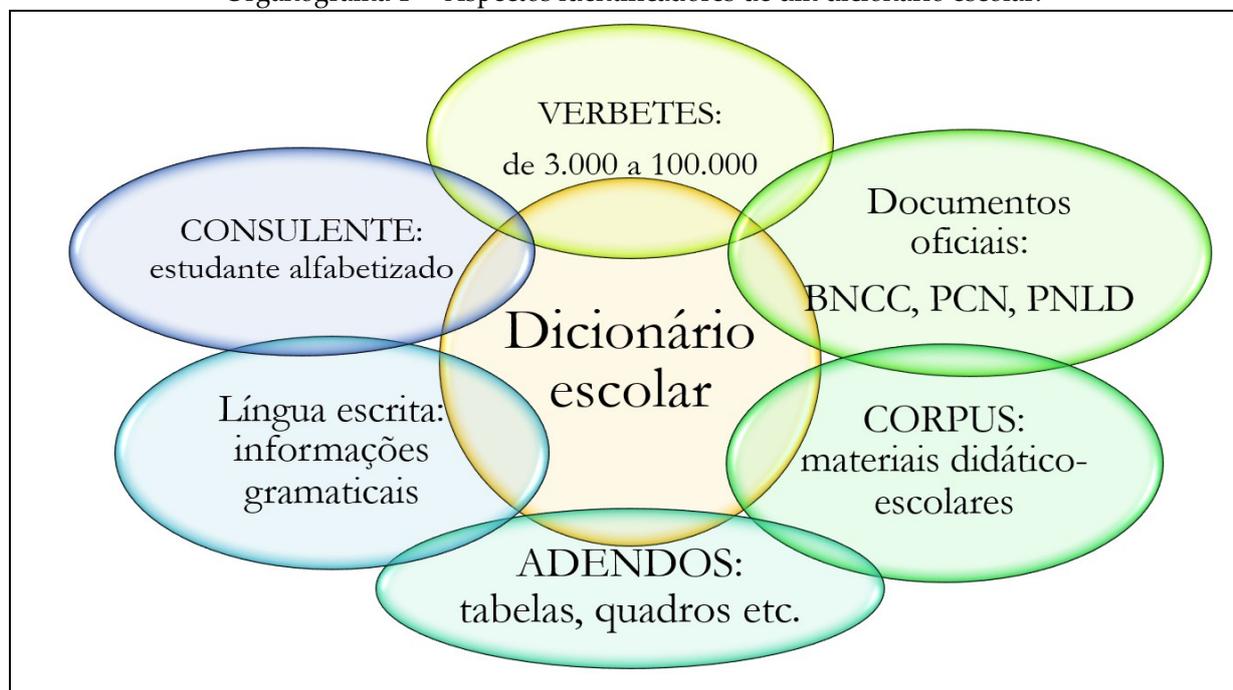
<sup>3</sup> Em 2006, surge o “PNLD: Dicionários” a partir do Programa original de 1985 e passa por sua última atualização em 2012, momento em que propõe a categorização dos dicionários em quatro tipos distintos, incluindo desde os dicionários infantis para crianças de 6 anos, na Educação Infantil (Tipo 1), até aqueles para crianças mais velhas (de 7 a 11 anos), no Ensino Fundamental Anos Iniciais (Tipo 2), depois para adolescentes de 12 a 14 anos (Tipo 3) e, por fim, estudantes do Ensino Médio de 15 a 17 anos (Tipo 4).

## 2.1 Considerações acerca dos dicionários escolares

Neste estudo, levamos em consideração as características estabelecidas nos documentos oficiais<sup>4</sup> brasileiros para nos posicionarmos acerca do produto lexicográfico que serve como nosso *corpus*, assim, entendemos que estamos diante de dicionários escolares<sup>5</sup>. Entretanto, é preciso destacar que, internacionalmente, os dicionários de aprendizes são utilizados para ensinar língua estrangeira, fato que não impossibilita de serem tratados como dicionários escolares (desde que tenham uma função didática e sejam elaborados com base em preceitos pedagógicos).

Para melhor entender como, oficial e nacionalmente, um produto lexicográfico é entendido e designado como dicionário escolar, vejamos suas características no Organograma 1:

Organograma 1— Aspectos identificadores de um dicionário escolar.



Fonte: elaborado pelo autor.

<sup>4</sup> BNCC: Base Nacional Comum Curricular; PCN: Parâmetros Curriculares Nacionais; PNLD: Programa Nacional do Livro Didático.

<sup>5</sup> Não iremos caracterizar outras obras, nem apontar suas diferenças com relação aos dicionários escolares, pois interessa-nos focar em nosso objeto de estudos: as marcas de uso.

No Organograma 1, ao se observar as elipses (intersecções), é possível verificar as relações de sobreposição (características) ligadas a uma ideia central (produto lexicográfico) em um ciclo com o intuito de distinguir os parâmetros oficiais que demarcam a elaboração de um dicionário escolar, quais sejam: (i) público-alvo correspondente ao estudante alfabetizado<sup>6</sup> (documentos oficiais orientam a uma produção lexicográfica que possa atender a esse público); (ii) nomenclatura que abarque de 3.000 a 100.000 verbetes (volume definido, nos documentos oficiais, como critério para os lexicógrafos concorrerem ao edital); (iii) abrangência de conteúdos curriculares a serem estudados pelo corpo discente, conforme prerrogativas e políticas educacionais públicas; (iv) impulso ao aprendizado da língua escrita padrão; (v) *corpus* baseado em materiais compreendidos no processo de ensino-aprendizagem [livros escolares e (para)didáticos, de literatura infanto-juvenil e jornalística, revistas infanto-juvenis, sob as regras do Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa, em vigor desde 2009, o qual prioriza o português contemporâneo]; (vi) fornecimento de conteúdo educacional extra (quadros de pronomes, de sinais em Libras, de conjugação verbal, tabela periódica, de unidades de medidas, listas de coletivos, gentílicos, entre outros).

Nesse contexto, utilizamos “dicionário escolar” sob dois parâmetros para esta pesquisa: (i) referente aos documentos oficiais que estabeleceram a elaboração do PNLD, excetuando-se os dicionários Tipo 1 (obras que não constituem nosso *corpus*); (ii) acerca da perspectiva lexicográfica, pois são produtos lexicográficos que pretendem suprir as demandas do público-alvo (volume de informações na microestrutura e fase do processo de ensino), não apenas em função da compatibilidade das atividades desenvolvidas em ambiente educacional, mas também em razão de proporcionar um progresso dos estudantes em suas respectivas faixas

---

<sup>6</sup> Referimo-nos a um público alfabetizado, de acordo com os documentos oficiais, levando em consideração que a recolha das marcas de uso ocorreu a partir dos dicionários Tipo 2, visto que os dicionários Tipo 1 não as utilizam.

escolares. Portanto, esses foram os aspectos que possibilitaram que as obras lexicográficas fossem incluídas como dicionários escolares no PNLD.

## 2.2 Considerações acerca das marcas de uso

Para tratarmos de nosso objeto de estudo, afirmamos que as marcas de uso são um recurso muito eficiente para ressaltar a perspectiva pragmática na microestrutura do produto lexicográfico, possibilitando que o lexicógrafo destaque um sentido particular utilizado em uma área de especialidade, uma localização geográfica, entre outros âmbitos.

De acordo com Strehler (1997, p. 23-24), apesar de serem um mecanismo facultativo, as marcas são empregadas para evidenciar que um item lexical dicionarizado – uma ou mais de suas acepções – varia, isto é, “uma palavra que figure num dicionário e não seja de uso comum na camada neutra, precisa receber uma marca de uso”. Estudiosos como Fariñas (2001) e Seco (2003) enfatizam a necessidade de orientar os consulentes sobre a distribuição e conceituação das marcas de uso empregadas no produto lexicográfico já em sua parte introdutória (na *Front Matter*) a fim de que não se confundam os aspectos denotativos e conotativos da etiquetagem. À vista disso, Cinotti (2006, p. 185) concorda que “as marcas lexicográficas, além de fornecer informação gramatical sobre a natureza de um determinado tipo de palavra, têm a função privilegiada e fundamental de poder definir melhor o significado ou o alcance do uso de palavras e significados”<sup>7</sup> e, portanto, elas deveriam ter seu conteúdo conceitual explicado na introdução das obras lexicográficas.

Tanto Garriga Escribano (2003) quanto Lara (2004) apontam para o valor e a relevância da etiquetagem como expedientes linguísticos cuja presença contribui para um entendimento mais amplo dos consulentes sobre a unidade lexical em diferentes

---

<sup>7</sup> Tradução nossa para: “le marche lessicografiche, oltre a fornire informazioni grammaticali circa la natura di un certo tipo di parola, hanno la funzione privilegiata e fondamentale di poter meglio definire il significato o l’ambito d’uso di parole ed accezioni”.

contextos, os quais sofrem pressões sociais que estimulam a variação linguística “não de algum ponto remoto no passado, mas como uma força social imanente agindo no presente vivo” (LABOV, 2008, p. 21). Nos estudos labovianos, fatores como camada social, faixa etária, sexo ou também ocupação do indivíduo estimulam a escolha que o indivíduo faz por uma ou outra variante linguística.

Labov (2008, p. 19) afirma que três são as questões distintas capazes de elucidar as mudanças linguísticas, a saber: “a origem das variações linguísticas; a difusão e propagação das mudanças linguísticas e a regularidade da mudança linguística”. Esse autor ainda reforça que os “valores sociais são atribuídos a regras linguísticas somente quando há variação. Os falantes não aceitam de imediato o fato de que duas expressões diferentes realmente têm o mesmo significado” (LABOV, 2008, p. 290).

No início de um projeto lexicográfico, ao se decidir pela inserção das marcas de uso, é preciso que seu(s) autor(es) se atente(m) para uma possível opacidade decorrente da escolha de suas marcas de uso, sendo que aquelas unidades mais marcadas correspondem às que mais se afastam em relação à língua padrão (CASTILLO PEÑA, 2007), como exemplo disso,

as formas vulgares, ou seja, unidades lexicais que denotam conteúdo obsceno ou tabu, são extremamente marcadas em relação à língua padrão e são facilmente reconhecíveis já ao nível denotativo, mesmo independentemente do nível linguístico em que se situa o gênero discursivo em que são utilizadas<sup>8</sup>. (CASTILLO PEÑA, 2007, p. 44)

Sob a concepção de Camacho Barreiro (2008, p. 43), a etiquetagem estabelecida pelos lexicógrafos expressa todo um conjunto de convicções sociológicas e culturais relacionadas a uma época, revelando, assim, que “as marcas estão organizadas de certa

---

<sup>8</sup> Tradução nossa para: “las formas vulgares, esto es las unidades léxicas que denotan contenidos obscenos o tabuizados, están extremadamente marcadas con respecto a la lengua estándar y son fácilmente reconocibles ya en el nivel denotativo, incluso con independencia del nivel de lengua en el que se sitúa el género discursivo en el que se utilicen”.

forma e cumprem funções previamente delimitadas pelos dicionários, porém, na prática lexicográfica, surgem diferenças conceituais e terminológicas em repertórios de caráter e filiação muito diferentes”<sup>9</sup>, conforme a exteriorização ideológica em maior ou menor escala do lexicógrafo. No entanto, independentemente da inclinação escolhida, consciente ou inconscientemente, por esse profissional, a presença das marcas reforça as singularidades a respeito dos sentidos presentes e circulantes em uma comunidade linguística, os quais merecem ser coletados e sistematizados a fim de garantir seu registro e sua possível perpetuação (AZORÍN FERNÁNDEZ, 2010).

Ao verificarmos as obras lexicográficas, evidencia-se o quão discordante é o emprego da marcação, pois “o que para um pode ser uma marca de brasileirismo familiar, para outro pode ser considerado como uso informal ou coloquial” (ZAVAGLIA, 2010, p. 87), por isso torna-se fundamental o estabelecimento de parâmetros para a inserção das marcas de uso, assim, concordamos com Zavaglia (2010) ao acentuar que

é desejável que os dicionários monolíngues de língua geral tragam essas marcas de uso, mas é necessário também que o consulente tenha em mente a dificuldade enfrentada pelo lexicógrafo ao registrá-las em seus verbetes. Para isso, o lexicógrafo deveria, na introdução de sua obra, deixar bem claro a sua posição quanto a esse campo, além de explicar o uso e a forma de apresentação dos termos em sua marcação. (ZAVAGLIA, 2010, p. 88)

Essa autora também nos alerta para o fato de que a ausência de uniformidade na marcação avança pelos diversos tipos de dicionários, podendo gerar dúvidas a seus consulentes. Como apontado por Riboldi (2012), às unidades lexicais são atribuídos valores que podem sofrer mudanças no transcorrer do tempo em função de alterações nos hábitos da comunidade linguística, aspecto que pode influenciar na diversidade

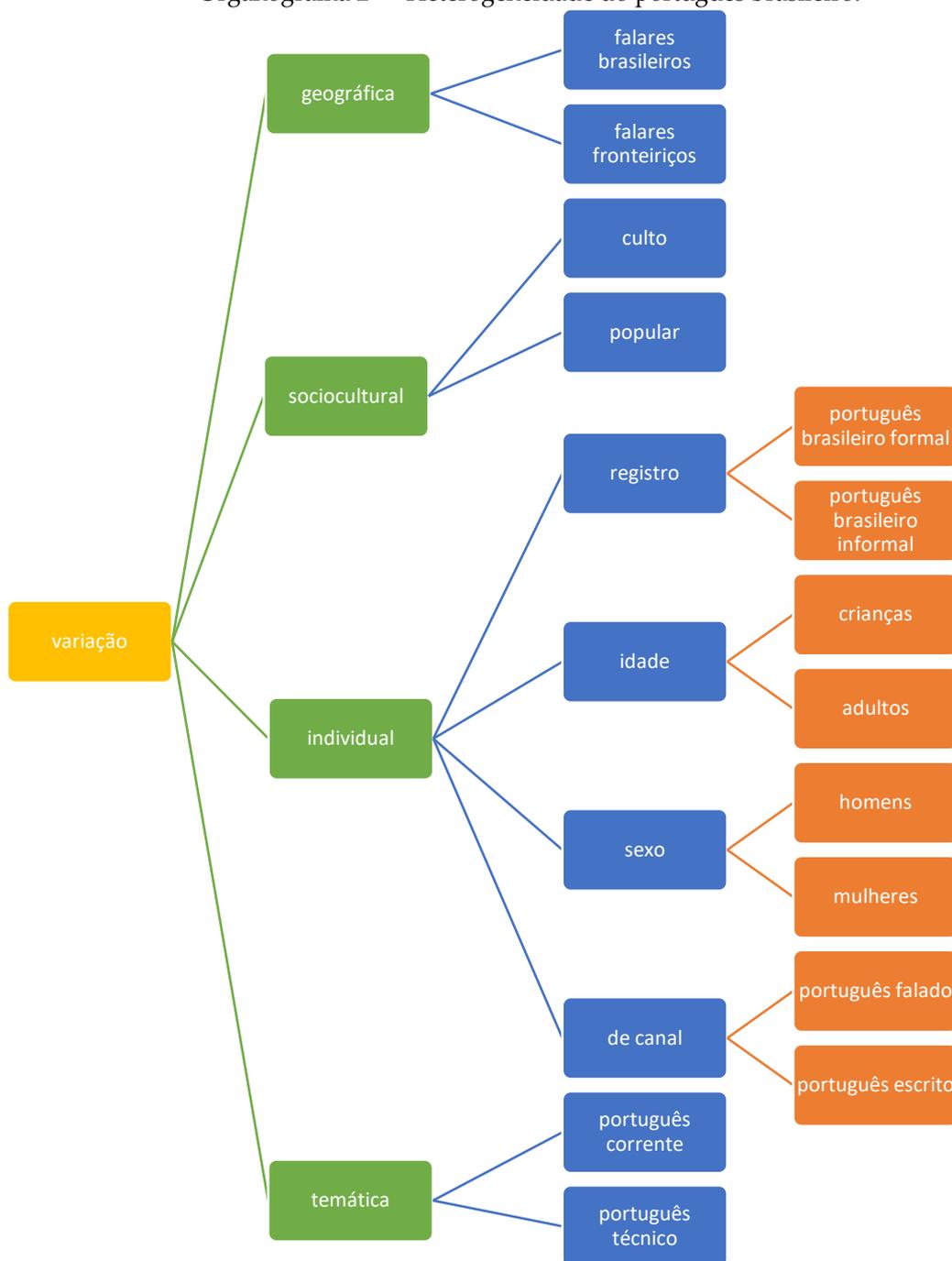
---

<sup>9</sup> Tradução nossa para: “las marcas se organizan de una manera determinada y cumplen funciones previamente delimitadas por los diccionaristas, pero en la práctica lexicográfica las diferencias de orden conceptual y terminológico afloran en repertorios de muy diverso carácter y filiación”.

da marcação nos produtos lexicográficos. Por isso, em meio às variadas tarefas do lexicógrafo, Zavaglia (2016) enfatiza que esse profissional deve ser um indivíduo sensível às transformações decorrentes do desenvolvimento da sociedade sendo capaz de registrar os itens lexicais e seus sentidos evidenciados nos discursos. A não padronização das marcas de uso também diz respeito a uma incompreensão sobre as fronteiras conceituais delas, por exemplo, para Vilarinho (2017, p. 378), as etiquetas “coloquial”, “familiar” e “popular” poderiam ser sintetizadas em uma única, principalmente porque, para que uma marca se torne funcional, ela precisa ser entendida pelo consulente.

Se por um lado seja pertinente o reconhecimento da variabilidade das unidades lexicais, segundo Weinreich, Labov e Herzog (2019, p. 136), é substancial “lidar com os fatos de variabilidade com precisão suficiente para nos permitir incorporá-los a nossas análises da estrutura linguística”, isto é, não podem ser considerados agentes aleatórios, pois há motivação que impulsiona a escolha por uma ou outra variante. Ainda sob uma visão sociolinguística, Weinreich, Labov e Herzog (2019) afirmam que é impossível refletir sobre uma língua e seu arcabouço lexical e não considerar que seus falantes estão imersos em determinados contextos sócio-histórico-culturais. Logo, a variação linguística acontece em função de fatores internos e externos a um sistema linguístico, cuja evidência pode ser realizada ao se inserir marcas de uso nos verbetes com o intuito de alertar o consulente, como se nota pelo Organograma 2:

Organograma 2 – Heterogeneidade do português brasileiro.



Fonte: elaborado pelo autor com base em Castilho (2016).

Sob o ponto de vista de Castilho (2016), o português brasileiro pode apresentar uma heterogeneidade em razão de sua localização geográfica, questões socioculturais ou mesmo individuais e também temáticas, das quais podem suceder subdivisões, que nos auxiliam para uma melhor compreensão das variáveis constituintes da língua.

Portanto, levando em consideração as diversas possibilidades para se indicar restrições de uso dos itens lexicais, podemos subdividi-las em grupos de marcas diacrônicas, diatópicas, semânticas, terminológicas, diafásicas e diastráticas.

### 3 Percorso metodológico

Nosso primeiro passo foi levantar a literatura teórica pertinente ao estudo lexicográfico, conjuntamente aos documentos oficiais (BNCC, PCN e PNLD), a fim de entender a perspectiva governamental sobre os produtos lexicográficos voltados ao público escolar uma vez que podem impactar positivamente no processo de ensino-aprendizagem do léxico, com especial interesse à inserção das marcas de uso nessas obras. Na sequência, selecionamos nosso *corpus* (14 dicionários), conforme Quadro 1, a seguir:

Quadro 1 – *Corpus* da pesquisa.

<b>Tipo de dicionário</b>	<b>Título e autor</b>
<b>Dicionários Tipo 2</b>	<i>Dicionário Aurélio ilustrado</i> (FERREIRA, 2008) <i>Dicionário ilustrado de português</i> (BIDERMAN, 2009) <i>Dicionário Palavrinha Viva</i> (BORBA, 2011) <i>Fala Brasil! Dicionário ilustrado da língua portuguesa</i> (BRAGA; MAGALHÃES, 2011)
<b>Dicionários Tipo 3</b>	<i>Aurélio Júnior: dicionário escolar da língua portuguesa</i> (FERREIRA, 2011) <i>Saraiva jovem: dicionário da língua portuguesa ilustrado</i> (SARAIVA; OLIVEIRA, 2010)
<b>Dicionários Tipo 4</b>	<i>Dicionário Houaiss Conciso</i> (HOUAISS; VILLAR, 2011) <i>Novíssimo Aulete dicionário contemporâneo da língua portuguesa</i> (GEIGER, 2011), N <u>A</u> u (2011)
<b>Dicionários gerais (impressos e/ou eletrônicos)</b>	<i>Dicionário Eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa</i> (HOUAISS, 2009) <i>Dicionário Unesp do português contemporâneo</i> (BORBA et al., 2004) <i>Moderno Dicionário da Língua Portuguesa</i> (MICHAELIS, 1998) <i>Novo Dicionário Eletrônico Aurélio</i> (FERREIRA, 2010)
<b>Dicionários gerais (virtuais)</b>	<i>Dicionário contemporâneo da língua portuguesa: Dicionário Caldas Aulete</i> (AULETE, 2021) <i>Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa</i> (HOUAISS, 2021)

Fonte: elaborado pelo autor.

Interessou-nos investigar as marcas de uso empregadas nos dicionários escolares, conforme classificação estabelecida pelo “PNLD 2012: Dicionários”. Ao selecionarmos oito produtos lexicográficos escolares, citados no Quadro 1, comparamos as escolhas de seus autores, acerca da etiquetagem, nessas obras e também em outras seis que podem contribuir no processo de aprendizagem dos estudantes.

Com isso é possível observar o percurso de estudos desde o 2º ano do Ensino Fundamental (em que se prevê contato com dicionários Tipo 2) até a fase adulta dos estudantes, paralelamente à oferta proposta de dicionários durante esse período. Assim, conseguimos constatar se houve divergências a respeito das escolhas por determinadas marcas de uso, se o emprego foi recorrente ou não, além de verificar como foram utilizadas na descrição lexicográfica.

Ao estabelecermos o *corpus*, passamos a coletar, manualmente, página a página, verbetes que continham marcas de uso (nos oito dicionários escolares), sendo que, em uma primeira etapa, selecionamos 21 verbetes (presentes em todas as obras do *corpus*) etiquetados. Passamos a analisar essa seleção e, ao contrastar suas marcas, notamos que seria necessária uma ampliação para 50 verbetes, dado que desejávamos uma amostragem representativa de dez marcas (“informal”, “familiar”, “coloquial”, “popular”, “gíria”, “depreciativo”, “pejorativo”, “chulo”, “vulgar” e “tabu”). Definimos a coleta de, pelo menos, uma palavra-entrada de cada letra do *Dicionário Ilustrado de Português* (BIDERMAN, 2009) – por ser a obra que menos etiqueta suas acepções; no total, 45 –, que se somaram a outras dez – “bafo”, “borrar”, “cagar”, “ceroula”, “comitiva”, “cursinho”, “dragão”, “galera”, “pinto” e “unicórnio” – do *Aurélio Júnior: dicionário escolar da língua portuguesa* (FERREIRA, 2011), por ser a única obra do *corpus* em que ocorrem todas as dez etiquetas analisadas.

Por fim, a título de exemplificação para propormos a inserção da marcação dupla, em uma terceira e última etapa, ampliamos para 55 verbetes, quais sejam: “abacaxi”, “apodrecer”, “artigo”, “bafo”, “baiano”, “baleia”, “bolo”, “boneca”,

“boneco”, “borrar”, “burro”, “cagar”, “ceroulas”, “chimarrão”, “chimpanzé”, “comitiva”, “criança”, “cursinho”, “dragão”, “droga”, “e-mail”, “favela”, “ficção”, “flor”, “furo”, “galera”, “galho”, “gordo”, “hebreu”, “idiota”, “impeachment”, “jabuticaba”, “kung fu”, “lobisomem”, “mala”, “motoboy”, “nádega”, “origami”, “parasita”, “pintar”, “pinto”, “pipa”, “quilo”, “RG”, “saci”, “sexo”, “tabela”, “traçar”, “unicórnio”, “vagabundo”, “vesgo”, “watt”, “xixi”, “yakisoba” e “zebra”. Essa escolha não foi aleatória, ao contrário, houve a ponderação acerca da experiência e prática de pesquisador, professor e consultante de produtos lexicográficos do autor deste artigo.

Examinando a etiquetagem realizada, percebemos sua não sistematicidade, fato que nos impulsionou a elaborar uma proposta de etiquetagem, estabelecendo os conceitos de nossas marcas de uso baseados em parâmetros sociolinguísticos (situação socioeconômica, faixa etária, escolarização do consultante) e em sua circulação no Brasil (frequência verificada pelo *Google Trends*)<sup>10</sup>. Dessa feita, propusemos a inserção de uma marcação dupla (a ser comentada na próxima seção).

#### 4 Proposta de marcação dupla

Diante de cenários variados de sistematização para as marcas de uso em produtos lexicográficos voltados para atender o público estudantil, nesta pesquisa, defendemos que aquelas a serem empregadas sejam configuradas a partir de uma marcação dupla. Essa proposta consiste em uma estrutura que agrega uma marca 1 (uso mais geral de determinado sentido) a uma marca 2 (de âmbito mais específico), que, em conjunto, podem ampliar a contribuição para alertar o consultante sobre restrições de uso de um vocábulo (ou de um de seus sentidos), cuja ressalva parte de uma direção mais ampla para um significado mais particular.

---

<sup>10</sup> Ferramenta utilizada para verificar a circulação e a frequência das unidades lexicais, gratuita e fornecida pelo motor de buscas *Google*, que permite aos usuários realizar comparações sobre o volume de buscas referentes a unidades lexicais.

Tendo como foco o público-alvo estudantil, propomos, como marcas de uso, palavras que fazem parte de seu universo educacional, correspondendo nas obras escolares a: (i) marcas de sentido mais geral: “antigo”; “arte”; “brasiliense”; “cultura”; “estrangeirismo”; “informal”; “pejorativo”; “popular”; “regionalismo”; “tabu”; “termo”; “vulgar”; (ii) marcas de sentido mais particular: “aumentativo”; “biologia”; “ciências”; “comportamento”; “corpo”; “culinária”; “diminutivo”; “educação”; “elogio”; “enologia”; “esporte”; “exterior”; “fauna”; “figurado”; “física”; “flora”; “folclore”; “gramática”; “infância”; “internet”; “jornalismo”; “jurídico”; “literatura”; “matemática”; “medicina”; “mitologia”; “ofensa”; “política”; “química”; “religião”; “rural”; “trabalho”; “urbano”; “vestuário”; “xingamento”. Todas são unidades lexicográficas nas obras do *corpus*, conseqüentemente, há familiaridade delas por parte dos consulentes, além disso, já passaram pelo crivo de aprovação de seus lexicógrafos.

A seguir, em nosso modelo de verbete, a marcação dupla se apresenta disposta da seguinte forma:

#### Modelo de verbete

**entrada** categoria gramatical. ícone para alertar <marca 1 marca 2>. Definição. *Exemplo dessa acepção em contexto.*

Posteriormente à palavra-entrada e à sua categorização gramatical, seguem-se ícones (em cores)<sup>11</sup>, caso haja alguma ressalva a ser advertida ao usuário, essa deve ser associada a duas marcas de uso – marca 1 e marca 2, entre os sinais de menor e maior, por extenso, em letras minúsculas e fonte *Baskerville Old Face*). Em seguida, vem a definição do lema e, finalizando, temos o último elemento na microestrutura – uma

<sup>11</sup> Propomos uma variação na indicação: A) dos ícones, disponíveis gratuitamente na internet: de permissão (☑), de alerta (⚠), de isenção (⚠), de restrição (🚫 🚧); B) e de suas cores: (i) primárias – azul (destaque positivo) e vermelho (alerta negativo); (ii) secundárias – verde (sentido isento) e roxo (restrições, publicamente). Não pretendemos prescrever regras ou comportamentos, apenas alertar o consulente para um uso consciente da unidade ou de seu(s) sentido(s).

frase-exemplo da referida acepção. Entendemos que a explicação sobre as marcas utilizadas precisa ser breve, simples, objetiva e estar presente na *front matter* do dicionário para que possa ser facilmente entendida pelo consulente infanto-juvenil.

Para exemplificarmos nossa proposta, nas subseções seguintes, disponibilizamos uma série de dez verbetes<sup>12</sup> em que se possa verificar a inserção da marcação dupla.

#### 4.1 **▲** Indicação para um determinado sentido isento

Juntamente à marcação dupla, sugerimos que venha acompanhado por um ícone que possa auxiliar o consulente a melhor compreender a ressalva de uso contextual da unidade. Vejamos como ocorre essa inserção nos verbetes “ceroulas”, “jabuticaba” e “*impeachment*”.

**ceroulas** *subst. fem. pl.* ▲ <antigo/vestuário> Peça de vestuário masculino que cobre o ventre, coxas e pernas, e usada por debaixo das calças. *A linha com a assinatura do jogador chega às lojas em fevereiro com **ceroulas** entre outros tipos de roupa de baixo*<sup>13</sup>. **sinônimo:** cueca.

Para “ceroulas”, inserimos a marca de uso diacrônica “antigo” para reforçar ao consulente que essa unidade do campo lexical “vestuário” não se apresenta frequente na sociedade atual, voltando ao cenário da moda em ocasiões particulares, assim, pela mesma razão, julgamos que as etiquetas lexicográficas também devam ser utilizadas para outros temas.

Passemos ao verbe “jabuticaba”.

**jabuticaba** *s. fem.* ▲ <brasiliense/flora> Pequena fruta preta, redonda e brilhante, que tem em seu interior uma polpa branca doce, envolvendo um caroço grande. *A **jabuticaba** é nativa do Brasil.*

<sup>12</sup> Eles foram retirados de dois dicionários de nosso corpus – do *Dicionário Ilustrado de Português* (BIDERMAN, 2009) e do *Aurélio Júnior: dicionário escolar da língua portuguesa* (FERREIRA, 2011) –, aos quais foi acrescida a marcação dupla.

<sup>13</sup> Frase-exemplo retirada do site: <https://f5.folha.uol.com.br/celebridades/983925-linha-de-cuecas-de-david-beckham-tera-ceroulas.shtml>.

Com relação à “jabuticaba”, em sua microestrutura original, não havia nenhuma ressalva sobre sua particularidade diatópica. Por ser característica do Brasil, seria um tipo de informação que, para um estudante brasileiro, poderia despertar sua curiosidade a procurar outros exemplos no dicionário e, conseqüentemente, ampliar seu vocabulário lexical. Logo, acreditamos que definições dessa natureza devam ser etiquetadas por duas marcas, de uma perspectiva mais geral (marca 1) para realçar a característica diatópica (“brasiliense” para “jabuticaba”), dado ser uma etiqueta que assinala algo relativo ou pertencente ao território brasileiro, e outra mais específica (marca 2) para designar sua posição nas áreas do conhecimento, no caso em questão, “flora”.

A respeito de estrangeirismos dicionarizados encontrados, sugerimos a seguinte marcação dupla para o verbete “*impeachment*”:

*impeachment* s. masc. △ <estrangeirismo/política> Impedimento de continuar governando. *Fernando Collor de Mello foi o primeiro presidente brasileiro que sofreu **impeachment**. Obs.: palavra inglesa incorporada à língua portuguesa e pronunciada *impíchment*<sup>14</sup>.*

Fizemos a inserção de marcas inexistentes no verbete original, pois o usuário precisa ser alertado que: (i) é uma unidade extensamente disseminada no território brasileiro não em razão da inexistência de vocábulos equivalentes à época de sua introdução em nosso sistema linguístico, mas por ser uma escolha lexical realizada pelos falantes; (ii) dispõe de sentido peculiar de uso contextualizado em área de especialidade (política), porém, que não deve ser considerado termo dado que aquilo que o condiciona em uso é a perspectiva estrangeira que se justapõe ao caráter técnico, o qual, embora não prevaleça, não deixa de existir.

---

<sup>14</sup> Transcrição fonética: *m'pitʃmənt*.

#### 4.2 🐣 Alerta para um determinado sentido positivo

Prosseguindo com nossos exemplos, destacamos verbetes em que há sentidos positivos que devem ser realçados, entre eles “flor” e “origami”, assim, por meio de nossa marcação dupla, temos:

**flor** *s. fem.* **1.** Órgão de reprodução das plantas; geralmente é colorida e cheirosa e serve também para enfeitar. *A rosa é uma **flor**.* **2.** Objeto ou enfeite que representa uma flor. *Ela usava um vestido de **flores**.* **3.** 🐣 <informal/elogio> Alguém ou algo que é bonito, amável, de belo aspecto. *Gabriela é uma **flor** de menina.* **pl.:** flores.

**origami** *s. masc.* 🐣 <cultura/exterior> Arte de dobrar pedaços de papel para formar animais, objetos, flores, etc. *O **origami** é uma arte japonesa muito antiga.* **Obs.:** palavra japonesa incorporada à língua portuguesa no Brasil e pronunciada *origâmi*.

As acepções positivas e de caráter cultural também precisam ser marcadas para que os consulentes façam seu uso de maneira consciente, pois, se considerássemos apenas os sentidos negativos merecedores de destaque, em nosso entender, deixaria incompleta a descrição ao usuário. Por isso, temos as marcas “informal” e “elogio” para o verbete de “flor” e “cultura” e “exterior” para “origami” que enaltecem seus significados com carga positiva reconhecida e disseminada no território brasileiro. Diferentemente do que ocorre em “impeachment”, constatamos que em “origami” o aspecto cultural suplanta o fato de ser um vocábulo estrangeiro, o que nos suscita a realçar para o consulente, primeiramente, seu caráter cultural e, em segundo plano, sua base estrangeira.

#### 4.3 🐣 Alerta para um determinado sentido negativo

Para exemplificar ressalvas negativas, apresentamos os homônimos de “bafo”.

**bafo<sup>1</sup>** *subst. masc.* ar exalado dos pulmões. *Talvez, por fumar há tanto tempo, não tenha a exata noção de como pode ser desagradável ter alguém espalhando esse **bafo** tóxico no ambiente<sup>15</sup>.*

**bafo<sup>2</sup>** *subst. masc.*  <popular/infância> jogo em que se bate com a palma da mão em concha contra figurinhas dispostas em superfície plana, para revirá-las. *Existem outros vídeos no youtube de crianças/jogadores ensinando seus movimentos e regras no jogo do **Bafo**<sup>16</sup>.*

**bafo<sup>3</sup>** *subst. masc.*  <popular/corpo> mau hálito. *Estar com **bafo** de cigarro<sup>17</sup>.*

**bafo<sup>4</sup>** *subst. masc.* 1.  <popular/figurado> conversa fiada. *“Quando eles fizeram aí essa revolução e falaram tudo aquilo, que iam salvar o País, que iam prender tudo que era safado, que isso, que aquilo, eu cheguei a ter uma esperançazinha. Palavra de honra! Mas logo depois eu vi que era tudo **bafo**.” (Stanislaw Ponte Preta, *Febeapá 2*, p. 105)<sup>18</sup>. 2.  <popular/aumentativo> (“**bafão**”) notícia sem investigação comprovada; fofoca. *Samuel morre em Cara e Coragem? Anita traz à tona **bafão** do caso de ‘Clarice’<sup>19</sup>.**

Em termos de variação social, foram verificadas diferenças entre “bafo<sup>2</sup>”, “bafo<sup>3</sup>” e “bafo<sup>4</sup>” – etiquetadas com a marca 1 “popular” –, pela abrangência de espaços coletivos, porém, distintas pela marca 2, a qual, respectivamente, corresponde a “infância” para retratar uma realidade do universo infantil, “corpo” para especificar algo negativo referente a algo que efetivamente diz respeito a uma possível resposta do corpo humano a depender dos hábitos de higiene, muito comum entre os estudantes, por fim, no homônimo “bafo<sup>4</sup>”, entendemos que suas duas acepções precisam ser marcadas, a primeira (“figurado”) em razão do valor conotativo que sugere uma ideia que foge a seu sentido usual, enquanto na segunda (“aumentativo”) o que prepondera é o valor do vocábulo amplificando seu significado e somente assim é reconhecido pela comunidade linguística.

<sup>15</sup> Frase-exemplo retirada do site: <https://www.jornalopcao.com.br/ultimas-noticias/regulamentacao-da-nova-lei-antifumo-causa-divergencia-entre-goianos-22358/>.

<sup>16</sup> Frase-exemplo retirada do site: <https://www.jogostradicionais.org/bafo>.

<sup>17</sup> Frase-exemplo retirada do HO (HOUAISS, 2009).

<sup>18</sup> Frase-exemplo retirada do AU (FERREIRA, 2010).

<sup>19</sup> Frase-exemplo retirada do site: <https://noticiasdatv.uol.com.br/noticia/novelas/samuel-morre-em-cara-e-coragem-anita-traz-tona-bafao-do-caso-de-clarice-83777>.

#### 4.4 🗣️👎 Alerta para um determinado sentido intermediário

Nesse bloco de verbetes, destacamos “mala” e “vesgo” para comentarmos sobre sentidos que, a nosso ver, realçam um caráter negativo intermediário.

**mala** *s. fem.* 1. Objeto de couro, plástico ou outro material, usado geralmente para guardar e transportar roupas. *Fez a mala, entrou no carro e partiu em férias.* 2. 🗣️👎 <popular/figurado> pessoa desagradável. *Tentamos procurar a fonte de todos os personagens malas de ‘Espelho da Vida’, mas eram tantos que a gente acabou ficando com uma lista de cinco mesmo*<sup>20</sup>.

**vesgo** *adj.* 🗣️👎 <pejorativo/ofensa> Que tem um ou os dois olhos voltados na direção do nariz. *Beto era vesgo e precisava usar óculos.*

Constatamos uma acepção não literal de “mala”, reconhecida e utilizada, popularmente no Brasil para assinalar um comportamento social incômodo de pessoas inconvenientes, muito recorrente no discurso dos estudantes e, portanto, merece ser etiquetada. Nesse mesmo âmbito, porém, com intenções mais agressivas, entendemos que “vesgo” precisa estar marcado por “pejorativo” e “ofensa” para alertar os falantes de que se trata de um uso insultuoso, cuja menção está politicamente incorreta uma vez que, para se referir a uma pessoa que possua algum tipo de desvio ocular, deve-se ser tratada como estrábica.

#### 4.5 🗣️👎 Alerta para um determinado sentido muito negativo

Para finalizarmos os blocos de verbetes, seguimos para verificar nossa proposta de marcação dupla em “cagar” e “idiota”:

**cagar** *verbo intrans. e pronominal* 🗣️👎 <tabu/figurado> defecar. *“Quando penso que não dá pra piorar, vai alguém e caga no ônibus...”, disse um usuário*<sup>21</sup>.

<sup>20</sup> Frase-exemplo retirada do site: <https://claudia.abril.com.br/famosos/os-5-personagens-mais-malas-de-espelho-da-vida/>.

<sup>21</sup> Frase-exemplo retirada do site: <https://bhaz.com.br/noticias/bh/passageira-encontra-coco-em-onibus-do-move-em-belo-horizonte/>.

**idiota** *adj.* 2g. 🗣️🔥 <pejorativo/xingamento> Bobo, tolo. *Este rapaz é um **idiota**, faz brincadeiras desagradáveis o tempo todo. É uma coisa **idiota** ficar aqui esperando.* **masc. e fem.: idiota.**

Algumas acepções expressam temas proibidos que, direta ou indiretamente, são reprimidos, ou mesmo censurados, pela sociedade, referindo-se, com frequência, ao corpo humano e à convivência entre pessoas. À vista disso, é preciso marcar “cagar” para alertar os usuários de que essa unidade não pode ser utilizada indistintamente, por conseguinte, deve ter a marcação dupla <tabu/figurado> para cumprir esse alerta.

Recomendamos ainda que, para sentidos muito negativos, que retratam formas mais agressivas e descorteses do uso de significados de alguns vocábulos, seja inserida a marcação dupla <pejorativo/xingamento> uma vez que atua como expressão afrontosa, que causa injúria, com agressões verbais em meio a um discurso insultuoso e xingatório, de caráter desmoralizante, como se verifica em “idiota”.

Finalizamos essa sequência de verbetes, que receberam nossa proposta de marcação dupla, com o reconhecimento de que se trata de um mecanismo eficiente para alertar os consulentes a respeito de sentidos dicionarizados, visto que pode orientar uma compreensão mais precisa do estudante. Assim, não apenas intercedemos em favor desse recurso linguístico para enfatizar os contextos em que figuram as acepções, mas também ofertamos informações (gerais e específicas) a respeito do uso das marcas que contribuem para uma melhor produção comunicativa em virtude de uma gama de escolhas mais condizentes realizadas pelo consulente.

## 5 Considerações finais

Trouxemos um recorte fruto de uma extensa pesquisa de doutoramento do autor deste artigo a fim de promover sua divulgação científica. Para tanto, introduzimos nosso objeto de estudo – as marcas de uso – a partir de uma breve contextualização sobre como ocorre o emprego da etiquetagem em dicionários. Já na

segunda seção, trouxemos alguns autores que nos embasaram metalexiconograficamente para verificarmos características gerais a respeito dos dicionários escolares brasileiros. Na seção seguinte, discorremos sobre nossas etapas metodológicas para que, na quarta e última, trouxéssemos verbetes para exemplificar nossa proposta de marcação dupla. Por fim, discorremos sobre nossas considerações finais e disponibilizamos as referências bibliográficas.

Constatamos que a não padronização prejudica o papel descritor dos dicionários por isso propusemos um sistema de etiquetagem pela marcação dupla com o intuito de possibilitar ao lexicógrafo um maior detalhamento acerca das restrições de uso, por conseguinte, reduzir as incoerências notórias nos produtos lexicográficos.

Esperamos que nossa pesquisa consiga contribuir para uma melhor indicação e padronização das marcas de uso – cujas conceituação e apresentação são pouco sistematizadas no Brasil –, as quais tanto colaboram para advertir sobre acepções, a partir de uma análise de produtos lexicográficos monolíngues escolares brasileiros. Nessas obras, conseguimos constatar que é necessária uma readequação das marcas com vistas à convergência em seu emprego.

Por fim, desejamos que novas frentes de estudos possam ser desbravadas acerca das marcas de uso a fim de que os lexicógrafos possam ter menos dificuldades frente à inserção delas durante a elaboração das microestruturas em seus dicionários, assim, conseguindo também terem maior precisão nos registros da variação linguística identificada no Brasil e, conseqüentemente, oferecerem repertórios lexicográficos mais minuciosos e coerentes a seus potenciais consulentes.

## Referências

ATKINS, B. T. S.; M. RUNDELL. **The Oxford Guide to Practical Lexicography**. Oxford: Oxford University Press, 2008.

AULETE, C. Aulete Digital. **Dicionário contemporâneo da língua portuguesa**: Dicionário Caldas Aulete, online. Lexikon Editora digital. Disponível em: <https://www.aulete.com.br/>. Acesso em: 23 jan. 2023.

AZORÍN FERNÁNDEZ, D. Las marcas de uso en los diccionarios monolingües destinados a la enseñanza de ELE. *In: El español en contextos específicos*: enseñanza e investigación. Asociación para la Enseñanza del Español como Lengua Extranjera, 2010. p. 249-268.

BERTONHA, F. H. C.; ZAVAGLIA, C. A contribuição das marcas de uso diatécnicas para tradutores técnicos: usuários das línguas de especialidade. **Trabalhos em Linguística Aplicada**, v. 61, p. 71-85, 2022a. DOI <https://doi.org/10.1590/0103181311732611120220110>

BERTONHA, F. H. C.; ZAVAGLIA, C. Marcas de uso diastráticas nos dicionários do PNLD: tabuísmo e chulismo. **Estudos Linguísticos (São Paulo. 1978)**, v. 51, p. 64-88, 2022b. DOI <https://doi.org/10.21165/el.v51i1.3306>

BIDERMAN, M. T. C. Análise de dois dicionários gerais do Português Brasileiro contemporâneo: o Aurélio e o Houaiss. **Filologia Linguística Portuguesa**, n. 5, p. 85-116, 2002. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/flp/article/view/59701>. Acesso em: 27 fev. 2023.

BIDERMAN, M. T. C. **Dicionário ilustrado de português**. 2 ed. São Paulo: Ática, 2009.

BORBA, F. S. **Organização de dicionários**: uma interpretação à lexicografia. São Paulo: Ed. da UNESP, 2003.

BORBA, F. S. **Palavrinha viva**: dicionário ilustrado da língua portuguesa. Curitiba: Piá, 2011.

BORBA, F. S.; LONGO, B. N. O.; NEVES, M. H. M.; BAZZOLI, M. B.; IGNÁCIO, S. E. **Dicionário Unesp do português contemporâneo**. 1. ed. São Paulo: UNESP, 2004. 1470p.

BRAGA, R. C. E.; MAGALHÃES, M. A. F. **Fala Brasil! Dicionário ilustrado da língua portuguesa**. Belo Horizonte: Dimensão, 2011.

CAMACHO BARREIRO, A. M. Las marcas sociolingüísticas en una muestra de la lexicografía cubana: tipología y evolución. **Revista de Lexicografía**, v. XIV, p. 43-58, 2008. DOI <https://doi.org/10.17979/rllex.2008.14.0.3838>

CANO, W. M. Os arcaísmos no dicionário Aurélio. *In*: ISQUERDO, A. N.; FINATTO, M. J. B. (org.). **As ciências do léxico**: lexicologia, lexicografia, terminologia. Volume IV. Campo Grande: Editora da UFMS; Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2010. p. 351-362.

CASTILHO, A. T. **Gramática do Português Brasileiro**. 4. reimp. São Paulo: Contexto, 2016.

CASTILLO PEÑA, C. Las marcas de uso en los modernos diccionarios bilingües español-italiano. *In*: SAN VICENTE, F. (ed.). **Perfiles para la historia y crítica de la lexicografía bilingüe del español**. Polimetrica International Scientific Publisher: Monza (Itália), 2007. p. 39-58.

CINOTTI, R. Alcune note sulle marche della lessicografia italo-catalana. La variazione diatopica, diastratico-diafasica e diatecnica. **Quaderni del CIRSIL**, v. 5, 2006.

FARIÑAS, L. F. A. Las Presentaciones de los diccionarios escolares. Breve historia de un elemento didáctico olvidado por las editoriales, los profesores y los usuarios. **Glosas Didáticas**, n. 6, 2001. Disponível em: <http://sedll.org/doces/publicaciones/glosas/n6/alzola.html>. Acesso em: 01 fev. 2023.

FERREIRA, A. B. H. **Aurélio Júnior**: dicionário escolar da língua portuguesa. 2 ed. Curitiba: Positivo, 2011.

FERREIRA, A. B. H. **Dicionário Aurélio ilustrado**. Curitiba: Positivo, 2008.

FERREIRA, A. B. H. **Novo Dicionário Eletrônico Aurélio versão 5.11a**. 5. ed. Curitiba: Positivo, 2010. (versão eletrônica)

GARRIGA ESCRIBANO, C. La microestructura del diccionario: las informaciones lexicográficas. *In*: GUERRA, A. M. M. (coord.). **Lexicografía española**. Barcelona: Editorial Ariel, 2003. p. 103-126.

GEIGER, P. (org.). **Novíssimo Aulete dicionário contemporâneo da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Lexikon, 2011.

HOUAISS, A. (org.); VILLAR, M. S. (ed. resp.). **Dicionário Houaiss conciso**. São Paulo: Moderna, 2011.

HOUAISS, A. **Dicionário Eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa**. Versão 1.0. Editora Objetiva, 2009.

HOUAISS, A. **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa**. UOL: Editora Objetiva, 2021. Disponível em: [https://houaiss.uol.com.br/corporativo/apps/uol\\_www/v6-0/html/index.php#0](https://houaiss.uol.com.br/corporativo/apps/uol_www/v6-0/html/index.php#0). Acesso em: 05 dez. 2022.

LABOV, W. **Padrões sociolinguísticos**. Tradução de Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre e Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo: Parábola Editorial, 2008. 392p.

LANDAU, S. I. **Dictionaries**. The Art and Craft of Lexicography. 2. ed. Cambridge: Cambridge University Press, 2001.

LARA, L. F. O dicionário e suas disciplinas. *In*: ISQUERDO, A. N.; KRIEGER, M. G. (org.). **As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia**. Volume II. Campo Grande: Ed. da UFMS, 2004. p. 133-152.

MICHAELIS. **Moderno Dicionário da Língua Portuguesa**. São Paulo: Companhia Melhoramentos, 1998. (Dicionários Michaelis).

MONSON, S . C . 'Restrictive Labels – Descriptive or Prescriptive?'. *In*: R. I. McDavid, Jr.; A. R. Duckert (ed.), **Lexicography in English**. (Annals of the New York Academy of Sciences). Nova York: New York Academy of Sciences, 1973. p. 208-212. DOI <https://doi.org/10.1111/j.1749-6632.1973.tb49494.x>

PIRES DE OLIVEIRA, A. M. P. Brasileirismos e regionalismos. **ALFA**, São Paulo, v. 42, n. 1, p. 109-120, 1998. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/alfa/article/view/4046>. Acesso em: 27 fev. 2023.

RIBOLDI, A. **Tabu, preconceito, gay, lésbica, homofobia, metrossexual**. 2012. Disponível em: [http://www1.prefpoa.com.br/pwcidadao/default.php?reg=84&p\\_secao=158](http://www1.prefpoa.com.br/pwcidadao/default.php?reg=84&p_secao=158). Acesso em: 05 fev. 2023.

SARAIVA, K. S. A.; OLIVEIRA, R. C. G. **Saraiva jovem: dicionário da língua portuguesa ilustrado**. São Paulo: Saraiva, 2010.

SECO, M. **Estudios de Lexicografía Española**. 2. ed. aumentada y revisada. Madrid: Gredos, 2003.

STREHLER, R. G. **Análise de categorias de marcas de uso em dicionários**. 1997. 110f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Instituto de Letras, Universidade de Brasília, UnB, Brasília, 1997.

VILARINHO, M. M. O. Marcas de uso: estudo e proposta. **Cadernos de Estudos Linguísticos**, v. 59, n. 2, Campinas, p. 375-396, mai./ago. 2017. DOI <https://doi.org/10.20396/cel.v59i2.8649150>

WEINREICH, U.; LABOV, W.; HERZOG, M. I. **Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística**. 1 ed. 4 reimp. Tradução de Marcos Bagno. São Paulo: Parábola Editorial, 2019.

WELKER, H. A. Marcas de uso. *In*: WELKER, H. A. **Dicionários: uma pequena introdução à lexicografia**. 2. ed. revista e ampliada. Brasília: Thesaurus, 2004. p. 130-149.

YONG, H.; J. PENG. **Bilingual Lexicography from a Communicative Perspective**. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2007. DOI <https://doi.org/10.1075/tlrp.9>

ZAVAGLIA, C. **Dicionários Infantis: uma análise de suas microestruturas**. São José do Rio Preto, 2010, 107f. Relatório de estágio de pós-doutoramento. Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, Campus de São José do Rio Preto, São José do Rio Preto, SP, 2010. Disponível em: [http://claudiazavaglia.com/Formacao\\_files/2010\\_dicionarios\\_infantis\\_zavaglia\\_PD.pdf](http://claudiazavaglia.com/Formacao_files/2010_dicionarios_infantis_zavaglia_PD.pdf). Acesso em: 30 jan. 2023.

ZAVAGLIA, C. O “proibido” em dicionários. *In*: ALVES, I. M.; GANANÇA, J. H. L. (org.). **Os estudos lexicais em diferentes perspectivas**. Volume VI. São Paulo: FFLCH/USP, 2016. p. 9-18.

Artigo recebido em: 28.02.2023

Artigo aprovado em: 21.06.2023